

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. —
Trimestre 13000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 47. — SABBADO, 22 DE NOVEMBRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 23100 rs.
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMMARY.

Manuscriptos ineditos — O Castigo do Senhor (continuação) — Torre do Castello d'Estremoz — População da Grã-Bretanha — Ao quadro original Só Deus! — Exposição da Academia das Belas-Artes — Estação do caminho de ferro do Cairo — Nova igreja de Santa Margarida — Porto d'areia do norte — Mythologia — Pobre Luiza (continuação) — O sapateiro d'escada (continuação) — Chronica Semanal.

GRAVURAS — Torre do Castello d'Estremoz — Vista interior da igreja de santa Margarida — Porto d'areia do norte — Vista exterior da igreja de santa Margarida — Estação do caminho de ferro do Cairo.

MANUSCRIPTOS INEDITOS.

Sumario das armadas q. se fizeram e guerras q. se deram na conquista do Rio parahiba escrito e feito por mandado do m.^{to} R. padre em Xp^o o p.^e Xpt.^o de Gouvea visitador da Companhia de Jesu de toda a provincia do Brasil.

Antes de entrar na relação das guerras e armadas q. os reis deste Reyno mandarão dar e fazer contra o gentio Petigar, sn^{or} demais de quatrocentas legoas per costa deste Ryo de Parahiba ate ó do Maranhão q. começará no tempo de Luis de Brito d'almeida governador geral deste estado do Brazil e se acabaram no tempo do Leenceado Martim Leitam Ouvidor Geral do mesmo estado e q. por mandado delrey Dom Philippe nosso Sn^{or} os conquistou e povoou ó Rio Parahiba me pareceo fazer hua breve descripta delle e do estado em q. estava as capitánias de Pernambuco e Tamarachã quãdo o Docto Martim Leitam entrou nellas p.^a mais facilmente no discurso desta historia se entenderem muitas cousas, a qual he a seguinte —

CAPITULO 1.^o

O Ryo parahiba q. nas cartas de marear se chama S. Domingos está em seis graos da banda do sul corre per ó rumo aq. os mareates chamã Nor noroeste sueste abarra á entrada corre polo de nordeste susudoeste, ate aponta do cabedello q. he ja dentro. Tem debaixo-mar no maes baixo em hum banco q. faz da area quatro braças e daly pera dentro pelo Ryo acima tem seis e sete. A boca da abra q. o Ryo faz terá de largo hua legoa e o canal q. vai pello meo q. he o que chamamos barra tem hum quarto de legoa e todo ó maes de hua parte e outra he muito aparcelado. Ó fundo he de area muyto limpo e sem nenhuma pedra e assim he muito maior porto e capaz de mayores embarcações q. o de Pernãbucho e Tamaracá, dos quaes dista vinte e duas legoas do de Pernambuco, e desasete do de Tamaraca per costa pera á banda do norte, e os arrezifes q. correm aolongo de toda esta quebrã aly mais. Pello Ryo asima hua legoa da banda do Norte tem hua Ilha fermosa de arvoredo de hua

legoa de comprido, e hum terço de largo, de fronte da q.¹ está o surgidouro ou porto das naos capaz de grande cantidade dellas e abrigado de todos os ventos. Da parte do sul faz o rio hum fermoso canal pelo qual asima duas legoas podem hir navios de cem toneis, e outras tres maes acima grandes caravelões q. he ate onde chega á repreza da maré. Daparte do norte vay outro braço que divide a Ilha da terra firme e nella defronte da ponta da Ilha daparte de cima onde o ryo se começa a dividir e fazer a Ilha sefez o primr.^o forte por ordem do General dioguo flores de Valdez. Este Ryo q. toma depois sete ou oito legoas ao sul tem hua varzea demaes de quatorze de cõprido, e de largo tem duas mil braças, e seiscentas no maes estreito, toda retalhada de esteiros e Ryos caudaes de agua doce q. podem dar maes de quorenta engenhos de açuquar por toda a terra ser singular p.^a cana, com o

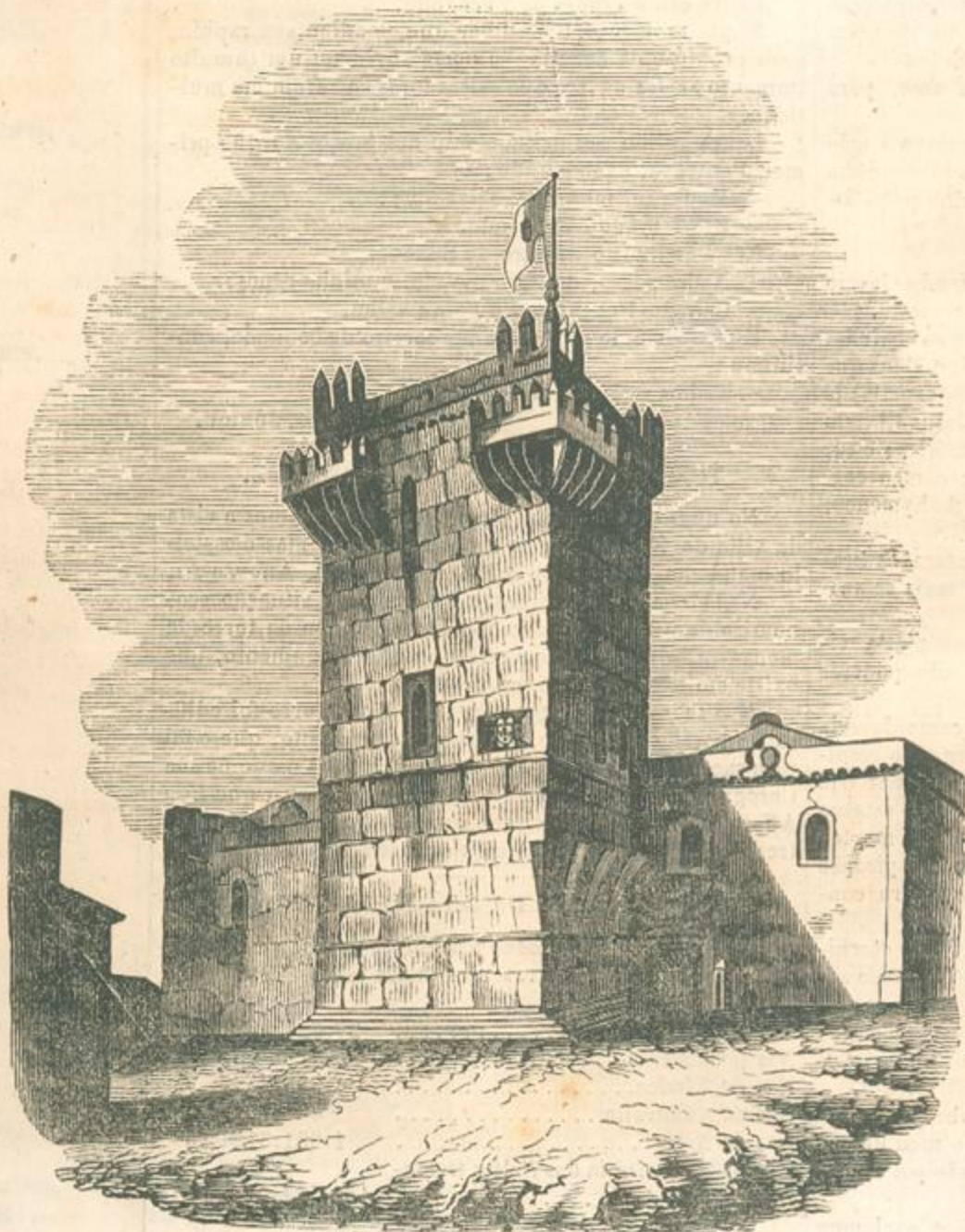
serviço de mar o de menos fabrico do Brazil, por ser Ryo morto e pelo menos de Inverno todo navegavel e de veram maes de seis sete legoas com caravelões q. tambem entram nos Ryos q. nelle se metem q. sam muitos e proveitosos por abundarem de muytos pescados e mariscos com outras muitas terras p.^a canas, mantimentos, pastos, e lenhas q. soo á dos mangues as fazem infinitos.

Pois as outras varzeas q. ha entre Pernãbucho e Parahiba e fazem ao longo dos rios q. entre estas duas Capitánias maes pegados ao Paraiba entram no mar nam prometem menos proveito antes muito grande, falo por varzeas porq. esta he somente á boa terra do brazil, q. os outeiros ou altos nã dam cana ao menos nestas capit.^{as} do norte, e quãdo nelles acerta á terra ser boa daa mãtimentos mas nam cana, que somente se daa nas varzeas q. he á terra baixa ao longo dos Ryos ou de grãdes alagadios q. no brazil ha muytos, principalmente perto do maar onde os ha grandes e as matas das arvores sam muito maiores e muito mais altos e grossos que no certam, onde nem ha rios nem agoas senam de possos q. com muita difficuldade se acha.

Emfim todo o certam do brazil he muito steril e de pouco mato e terra desaventurada q. com trabalho dá á mandioca q. os negros plantam como bacellos e em des doze mezes se fas tam grossa como grãdes nabos mas com raizes compridas com muitas pernas e tenras q. raladas dam muyta farinha con q. elles e os brancos se sustentã e depois do trigo he o melhor mãtimento que se sabe principalmente deitada de molho faz singular farinha p.^a se comer em fresca, q. se parece com o nosso cusques, fazem tãbem outros bejius q. sam redondos como mãquas ou compridos como querem, pouco maes grosso q. hostias he muito bom comer porq. toma o gosto ou sabor natural daq.¹ comq. o comem, fazem maes outra farinha destas raizes aq. tambem chamam Mandioca maes cozida p.^a durar muitos mezes conq. vem ao Reyno e hiram a India a esta chamã farinha de guerra porq. nellas se servem os negros desta, e como no brazil hum negro tem farinha e rede, arcos, frechas, logo setem por rico.

O cabedal q. todos os brazis ordinariamente levam ha guerra, nã he outro senã molher — q. lhe leva a rede e alguma pouca de farinha p.^a os primr.^{os} dias q. depois os pasaros, ratos, bichos, e mais immundicia o paga e os sustenta, q. no brazil nada disto he venenoso q. he hua das maravilhas delle. por á mesma razã nas guerras que lhes fazemos aquele q. leva maes negros p.^a casarem ou pescarem sam maes regalados e vã melhor providos.

Sam geralmente todos os brazis mui-



Torre do castello d'Estremoz.

to ciosos, ainda q. tendo muitas molheres, des, vinte, e quãtas cada hum pode sustentar; e os principaes so nisso o mostram e serem cabeças na guerra q. regularmente sam os maes valentes.

Continua.

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO.

Continuação

XIV

AMOR E ODIO.

Era a vontade do Omnipotente que despenhara aquelle homem no abysmo da magoa, quando por um requinte de vingança queria sorrir do tormento alheio; mas a sua energia abatida surgiu de novo pelo poder de um immenso ciúme, e bradou:

— Laura, eis o homem porque me despresa, e eis o altar em que vaes jurar a vossa eterna separação.

Laura fitou os olhos na imagem da Virgem que brilhava no pedestal christão, encarou a imagem do Crucificado que se levantava aos pés de sua mãe, pensou por um momento no que por nós soffrera, quiz resignar-se como Elle, quiz pedir em vez de se desesperar nos lances de intima agonia, e, voltando-se para Fernando, poz as mãos, ajoelhando quasi; erguendo para elle os seus olhos lindos e cheios de lagrimas pungentes, bradou-lhe:

— Meu irmão, meu Fernando, piedade!...

Quiz dizer mais, não pôde.

Fernando de quem a razão parecia querer fugir exclamou:

— Não me dês esse nome! Irmão, já o não sou!... esse nome perdi-o, roubaram-m'o; mas eu conquistei outro, outro mais bello, que nos liga para sempre, troquei-o, intendes?

E abalado convulsivamente, sorria desesperado; eram as lagrimas que se desfaziam em sorrisos, e continuava:

— Ainda que fosse roubar ao ceo ou ao inferno o titulo d'esposo, tu havias ser minha!

— Laura, bradou Eduardo, Laura, não te curves aos pés d'esse homem; a virtude aos pés do crime, fóra um insulto á divindade.

Fernando ia a precipitar-se sobre Eduardo, mas vendo que Laura caía nos braços d'este, parou, rindo ás gargalhadas, e exclamando:

— Ah! é um terno abraço, mas hade ser o ultimo.

A mulher elevada na sublimidade d'uma paixão deslumbrante pelo brilho da pureza, tira a sua força da propria fraqueza. Laura cingindo com um dos braços o corpo de Eduardo, voltou-se para Fernando, levantou os olhos ao ceo, como se um raio de inspiração divina lhe desse as forças celestias, e, cheia de coragem de que ella mesma se não crêra animada, bradou:

— Fernando, vaes separar-me de quem amo, para ligar-me ao unico ente que detesto...

Fernando n'este momento estremeceu, passou a mão pela frente, e quem se affirmasse no rosto do manco despresado divisaria uma lagrima correndo-lhe pelas faces.

Laura proseguiu:

— Sim, detesto; em quanto foste meu irmão devera amar-te; hoje que és o meu algoz devo aborrecer-te.

E voltando-se para o filho de Luiza, continuava ainda:

— Vou pertencer-lhe, Eduardo, mas crê, o Deus que está n'aquelle altar, (e indicava o crucifixo da capella) já me aponta a sepultura; a benéfica mão de Jesus Christo hade arrebatá a minha alma até á mansão celeste; e tu, Fernando, crê que me diz a minha fé, que o meu corpo inanimado te cairá aos pés no momento do hymeneo; é o holocausto justo no altar do teu crime...

A fraca virgem, como se Deus lhe escutara os brados, e lhe emprestara forças sobrenaturaes, mais se animava, continuando:

— Crê mais, que se podes separar-nos n'esta vida, nós viveremos unidos no ceo, onde tu não poderás entrar, porque lá não entra o crime.

E era n'esta hora magestosa e potente, como deveria ser Judith em face de Holophernes, que Fernando respirava como suffocando-se em cada instante; um suor frio lhe inundava o rosto, tremia, branco como uma estatua de marmore, era o symbolo do desespero e da morte; Eduardo extatico, deslumbrado pela magica inspiração do anjo que amava, mal poderia fallar, mas Laura continuava sempre:

— Eduardo, veremos este homem por toda a eternidade no infinito do abysmo. Fernando Rogero, calco aos pés o teu poder que é só de crime, e elevo ao ceo a minha voz de justiça; levanto a frente acima da tua, ergue a frente tambem, Eduardo, somos reis pelo martyrio, o diadema de Jesus Christo foi tambem de soffrimento.

— Laura! minha alma, dizia Eduardo abraçando-a.

— Amigo, amigo, disse ella de novo, o meu ultimo brado será de immenso amor por ti, e d'avessão por aquelle homem.

Fernando, mettendo-se no meio a separal-os, exclamou em grande brado:

— Oh! cala-te, cala-te mulher! segue-me.
E agarrando-lhe no braço, arrastava-a para a capella. Laura, que, não podendo resistir ao braço de Fernando, se sentia arrastar, bradou:
— Eduardo! o meu amor para ti até á morte!
— Covardé! gritou o amante de Laura, dá-me uma espada; combatamos.

— Não.

— Assassina-me! salva essa mulher!

— Não.

Passaram á capella; um padre e quatro testemunhas os aguardavam de ha muito. Fernando se dirigiu ao padre, dizendo:

— Fr. José, apressae-vos em celebrar a cerimonia; temos presente quanto basta.

— Todavia, dizia tremendo o padre, isto é um crime.

— Padre, tornou Fernando, esta mulher está em meu poder, hade ser minha: ou minha amante, como condemna o Deus de que és ministro; ou minha esposa, como Jesus ordenou que funcionasses. Remediar o mal, é impossivel; minoral-o, podes de certo.

O ministro do Senhor, crusando as mãos sobre o peito como querendo pedir ao ceo uma inspiração sublime, balbuciou:

— Meu Deus, meu Deus! que farei?

— Obedecer; além de que, se recusares, nunca mais sairás d'aqui; se cumprires o que te ordeno, e jureses pela cruz do Redemptor não revelar nada, tudo se concluirá como desejas.

A porta da prisão d'Eduardo tinha-se fechado, mas o postigo com as grades de ferro deixava-lhe ver completamente toda a cerimonia, que começara n'este momento.

Eduardo agarrando-se aos varões da grossa porta de carvalho, pretendia agital-a com seus braços ainda fracos, e bradava:

— Santa Maria! dá-me forças para que despedace estes ferros odiosos. Deus! Deus! vê que a matam, que morreremos do mesmo golpe!

E rugindo pelo desespero que lhe abrasava o sangue, continuava:

— Ah! sinto que nem armas, nem forças me fariam recuar ante aquelle homem!... Porque o não matei?... Porque não morri ás suas mãos?... Ali, Christo sagrado, junto ao teu altar, o mais horrendo crime! Fulmina os culpados, salva a innocencia! Padre, padre cala-te, suspende a cerimonia, pelo ceo ou pelo inferno! Laura, Laura, não pronuncieis o fatal — sim... Ah! tudo está concluido! Deus, Deus! já não tens justiça!

A successão dos golpes fóra rapida e terrivel. Eduardo perdeu o conhecimento do que se passava em redor d'elle; agarrado ás grades, parecia completamente louco; o seu olhar fixo era como o prognostico d'uma desgraça que se aproximava de novo ainda.

Laura era a esposa de Fernando.

N'este momento, um rumor que se adiantava rapido, soou proximo da capella; a porta abriu-se; um tumulto immenso se fez ouvir, e os saltadores entraram em multidão.

Laura soltou um grito, e caiu nos braços do que primeiro entrara, exclamando:

— Meu pae, meu pae, salva-me!

— Elle! bradou Fernando.

Era Paulino, o Castigo do Senhor.

— Nada podes, disse Fernando, é minha esposa.

— Casados! exclamou o pobre velho.

E passando do espanto a um sorriso de bondade, continuou:

— Todos serão salvos!

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

TORRE DO CASTELLO DE ESTREMOZ.

No numero 32 d'este semanario apresentámos a vista da villa de Estremoz, e ao de leve mencionámos o castello mandado edificar em 1258 por el-rei D. Affonso III.

Nada temos a acrescentar a respeito da situação economica da villa. Mas dando hoje o desenho da torre de menagem, diremos que é talvez o unico monumento, que existe em Estremoz, digno de attenção.

Não se sabe ao certo a data em que a torre foi edificada; porém suppõe-se, com bom fundamento, que o foi pelo mesmo tempo da villa, se acreditarmos o que na sua Corographia diz o padre Carvalho, que affirma que fóra Affonso III quem, no citado anno, mandara povoar Estremoz, e lhe dera privilegios eguaes aos de Santarem.

POPULAÇÃO DA GRÃ-BRETANHA.

A Grã-Bretanha possui a seguinte população, segundo os melhores e mais recentes dados estatísticos:

Na Europa	27.621:862	almas
Nas possessões d'America	3.628:303	»
Nas de Africa	923:263	»
Nas de Australia	484:791	»
Nas de Asia	1.661:612	»
Nas da companhia das Indias Orientaes	141.484:296	»
Total	175.804:127	»

AO QUADRO ORIGINAL

SÓ DEUS!

APRESENTADO NA ACTUAL EXPOSIÇÃO

DA

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES

PELO SENHOR

Francisco Augusto Metrass

Professor de Pintura-Historica na mesma Academia

COMO TRIBUTO DE VENERAÇÃO PELO MÉRITO ARTÍSTICO DO MESMO SENHOR.

— E a quem alçarás
O gemente clamor? — Ao mar, que as ondas
Não altera por ti? — Ao ar, que some
Pela sua amplidão as queixas tuas?
Aos rochedos alpestres, que não sentem
Nem sentir podem teu gemido inutil?

A. HERCULANO.

Sombrio, cerrado,
Distende no ceo,
Tormenta medonha,
Fatidico veo!

Romperam-se as nuvens,
Alaga-se o chão;
Sinistro lampejo
Precede o trovão!

E o sol que nascia
Occulto ficou,
Cingido de trevas
Seu gyro marcou.

— Fagueiras esp'ranças
Assim mortas são,
No mundo de enganos,
De triste illusão!...

Elevam-se as aguas,
Os campos são mar;
E os eccos da serra
Vão longe quebrar.

Cortantes balidos
Se fazem ouvir,
Do armento que á morte
Anceia fugir!

E o vento sibila
Em rijo tufão,
Vae tudo prostrando
Revolto no chão!

De susto latindo
O pobre labreu,
Ao cimo dos montes
Veloz ascendeu.

Estalam pinheiros,
O roble quebrou;
O cedro, com elles,
Nas aguas rojou!

— Que não ha na terra
Bastante valor,
Que altivo resista
À voz do Senhor!

Da serra, na beira,
Alegre casal,
Deixou em ruinas
Torrente fatal!

Confusos se escutam
Mugidos e ais;
E as chuvas, em jorros,
Gaindo, vem mais!

Ao largo, soberbas,
As ondas do mar,
As rochas, bramindo,
Parecem tragar!

E as nuvens escuras,
Correndo veloz!
E o rio alastrado,
Sem margens, sem foz!

Nas aguas que fremem
Horriavel fragor,
A encosta desaba!...
É tudo pavor!

Ai! pobres d'aquelles
Que o ceo fulminou,
Co'a rija tormenta
Que ao longe eccoou!

E o sino da aldéa
Lá se ouve a tanger:
São rezas, são preces
P'ra Deus lhes valer!

Confusos se escutam
Mugidos e ais;
E as chuvas, em jorros,
Caindo, vem mais!...

Quem pode na terra em doce remanso,
Constante ventura seguro contar?
Fagueiro porvir, esperança mimosa,
Nos dias futuros, quem pode visar?

Se o mundo, tecido de enganos e dôres,
Seus falsos prazeres nos deixa fruir,
Instantes felizes, ligeiros passando,
Trocados em penas nos vem opprimir?

E triste d'aquelle, que em lance terrivel,
Nas lides da terra, esperança mal tem,
Se mortas as creanças no peito anciado,
Do ceo não aguarda soccorro tambem!

No quadro que vemos, as artes honrando,
Em toda a verdade de um trance de horror,
Em scena tocante, pintada, mas viva,
Assim nol-o diz inspirado pintor!

A pobre que ha pouco logrando venturas,
Alegre sonhava prazeres sem par,
Consorte extremo, filhinho que amava,
Prendiam-lhe a mente nos gosos do lar.

As auras suaves do prado viçoso,
Que finos aromas vão longe espargir,
Mimosas lhe davam fragrantos perfumes,
Nos dias serenos de meigo sorrir.

E como a bonina formosa se ostenta,
Brilhante de aljofres, no campo gentil,
Donosa brincando co'a hera virente,
Que o caule reveste do roble sinil;

Ou como a barquinha, que as aguas cortando,
Ligeira desliza veloz a singlar,
Em noite de estrellas, o rumo seguindo,
Que certo lhe mostra saudoso luar;

Contava delicias, sorrindo-lhe a vida,
Que sempre julgava ditosa fruir;
Em ledô remanso, liberta de penas
Olhava tranquilla o incerto porvir!...

Mas eil-a de chofre surpresa, mesquinha,
Tremente, aterrada por feio escarceo!
Involta nas aguas dos cerros baixadas,
Caidas nos cerros, das nuvens do ceo!

E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais!...

De caules, raizes, ruinas cercada,
Em passos incertos vae triste a lutar;
O filho nos braços, que aperta anciosa,
Apôio buscando, procura amparar!

E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais!...

Destroços, penedos nas aguas rojando
A levam, mau grado, á morte a correr!...
Por si, pelo filho, bradando soccorro,
Anceia salvar-se, quer inda viver!

E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais!...

O tenro innocente, transido de susto,
As humidas tranças da mãe se apegou;
Seguro por ella com braço de ferro,
No collo da triste refugio buscou.

E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais!...

Assim desditosa, na terra mal conta,
Luzir-lhe, visar esperança sequer!...
Fallecem-lhe as forças, ai d'ella!... não pode...
É quasi cadaver a pobre mulher!

E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais!...

Extremo recurso, n'um tronco já secco,
Que ás aguas resiste, só pôde encontrar,
Seguro por ella com mão esforçada...
O fragil apoio vae prestes quebrar!...

E d'entre os rumores sinistros da cheia,
Ao longe se escutam mugidos e ais!
D'um ceo tenebroso, que as almas opprime,
As chuvas em jorros, caindo, vem mais!...

Quem pode valer-lhe, quem pode salvar-a?
No trance afflictivo... tão longe dos seus?...
Perdida, desmaia... succumbe... já morre...
Em tanto abandono quem pode?... SÓ DEUS!

25 de Outubro, 1856.

Claudio de Chaby.

EXPOSIÇÃO DA ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA EM 1856.

I

A exposição actual da nossa academia das Bellas-Artes é um facto de notavel significação, se attendermos ainda mais ao influxo que o progresso das idéas pode exercer nos destinos da arte, do que ás provas, embora apreciaveis, de aperfeiçoamentos em tudo que diga respeito aos processos e combinações puramente materiaes.

A exposição d'este anno determina uma nova era na historia da nossa pintura.

A qualificação parecerá arrojada aos espiritos que vêem unicamente n'um quadro, n'um baixo relevo, ou n'uma estatua o resultado isolado dos esforços de um só individuo, mas não o hade parecer de certo aquelles que comprehendem que o verdadeiro artista vive debaixo de uma atmospherá especial de impressões, a cujas variantes obedece e sob cujas influencias se inspira.

É n'esta relação complexa e interpretando-as á luz do movimento de idéas que as produziu, que as obras que figuram nos salões da Academia, significam uma incontestavel reacção, reacção contra as theorias rotineiras e velhos preconceitos academicos que intentavam até hoje atar os vãos da phantasia de uma mocidade promettedora aos logares communs da historia grega e romana, julgando ver em tudo que ultrapassasse os limitadissimos horisontes da convenção um ultraje á memoria dos grandes mestres, e uma negativa formal das leis do bello.

Esta reacção, que em França foi chamada *insurreição romantica*, e que em Allemanha tomou a denominação de *escola espiritualista*, operando-se pela força poderosa do talento e fogo de imaginação de Cornelius, Kaulbach, Delacroix, Boulanger, Decamps, Baric e outros engenhos que buscaram em caminhos novos o desfogo de uma individualidade artistica, realisa-se entre nós já fecunda de resultados, porque não traz consigo a exageração natural de um movimento reaccionario. Surgiu tardia, operou-se lenta, mas vem já amadurecida pelo estudo dos grandes exemplos, porque tomou por ponto de partida os trabalhos mais consagrados pela admiração e pela critica moderna no Louvre e em a nova Pinakotheca de Munich.

Na maxima parte dos quadros expostos observa-se o combate, e em alguns já o triumpho das impressões da vida real, da comprehensão do bello nas suas diferentes manifestações, da idealidade nos seus mais esplendidos vãos de interpretação, sobre os dictames de um respeito absurdo pela immutabilidade da imitação tradicional.

As idéas da velha escola, convencionaes, apathicas, restrictas a um certo numero de termos, suggeridas por uma somma consagrada de modelos, afogadas n'uma atmospherá de preceitos impreteriveis, sem as azas de fogo da phantasia artistica para voarem por cima d'esses horisontes conhecidos, d'essas perspectivas invariaveis em que toda a vocação ardente e predestinada perde os seus melhores impetos e se estenua, atrophiada, nas locubrações improbas de uma originalidade impossivel; essas idéas apparecem em luta com as inspirações de que vive o moderno genio das artes, luta já gloriosa para muitos dos nossos mais notaveis artistas.

Não é uma luta do classico com o romantico, porque o classico, o verdadeiro classico, nunca foi comprehendido e ensinado na Academia; nem tampouco o romantico como elle rebentou em França ha trinta annos, terrificado pelas exagerações do estylo e excentricidades da phantasia de Sheffer, Delacroix, Preault e outros, poderia agora ser adoptado pelo criterio e illustração dos nossos artistas; mas uma luta de esforços collectivos de alguns mancebos que ha muito aporfiam, insistem, que não tem poupado desejos, locubrações, vontade e arrojô para inaugurar uma epoca nova e fecunda ás artes de desenho, como já as teve Portugal, em que os tropheos d'essa victoria se erguem sobre as ruinas das velhas rotinas, proclamadas pela ignorancia e arraigadas na obstinação invejosa.

Effectivamente, percorrendo-se as salas da Academia, ao espectador intelligente não pode deixar de occorrer uma observação, que nasce accorde e unanime de todos os trabalhos expostos este anno. É que uma effervescencia anima e acende as imaginações, impellido-as para caminhos não trilhados. Os Orestes, debatendo-se com as furias; os Ajax insultando os deuses; os Achilles supplicados por Priamo; enfim, essa eterna familia das Clytemnestras, Epaminondas, e Leonidas desapareceu das paredes dos salões de S. Francisco.

O golpe está lançado. *Alea jacta est.*

Essas gloriosas consagrações da historia, que serão um thema sempre opportuno e autorizado nos exemplos de heroicidade e nos dominios da erudição, d'esta vez não tiveram assento no banquete da nossa juventude artistica. E não a podemos censurar por isso.

Taes assumptos, como modelos perpetuos a todas as exigencias da concepção do pintor e do esculptor, atam-lhes necessariamente as faculdades imaginativas a um certo numero de formas consagradas, tarefa ainda assim improba de difficuldades, porque de um lado ergue-se o plagiario do antigo, armado de todas as suas tentações, e do outro os desejos exagerados de originalidade para quem tente fugir aos perigos do primeiro.

Dois precipicios para o talento que ainda apenas se inicia nos segredos da arte.

Mas os expositores mais estudiosos e inspirados souberam evitar estes perigos.

Veneram e acatam o antigo, mas como a parte erudita da arte e não como o principio commum de todas as creações.

Sem esquecerem essas luminosas tradições, passalhes, pelo contrario, em frente, admiram-n'as, e, inclinando-se ante os assombrosos primores esculpturales do cinzel grego e as ardentes concepções do genio italiano, caminham ávante a reproduzir as impressões e tendencias da sua epoca.

Animam as theorias da arte do fogo e individualidades do sentimento poetico.

A restauração do genio nacional nas artes plasticas, proclamada ha tanto na Allemanha por Heyne, Woss, de Otfried Muller, Schelling e Hegel, e depois em França por Gerard, Fortoul, e entre nós por Garrett e Herculanô, opéra agora em Portugal a sua revolução analogá.

As novas doutrinas litterarias manifestam o seu triumpho n'essa bella collecção de quadros de phantasia, que pendem das paredes dos salões da Academia, onde a actualidade se retrata e transpira em muitas das suas sensações mais caracteristicas.

A insurreição que dominou a litteratura, que aproxima o romance dos modelos eternos de Walter Scott e Cooper, e pediu as melhores formas poeticas á musa suavemente melancolica de Lamartine e á energia dramatica de Victor Hugo, domina igualmente o espirito dos nossos jovens pintores e esculptores.

Este movimento artistico, que realisa tão maravilhosas transformações nos limites das artes de desenho, é filho legitimo da revolução litteraria.

Foi o impulso das novas doutrinas, foram as novas sensações que se agitam e animam sob o influxo da atmosphera litteraria que convidaram os srs. Metrass, Annuniação, Bastos, Christino e outros a fender novos horizontes e a voar por cima de perspectivas até agora desenhadas.

O genio de Shakspeare, de Rousseau, de Goethe e Byron, transubstanciado e revelado na especie de pantheismo que transpira n'esses fulgores de estylo, n'essas gammas de tons attractivos, n'esses fogos de luz scintillando em mil cambiantes, n'essas sombras transparentes, n'esses reflexos argentinos e saltantes dos paisagistas inglezes, brota da phantasia dos nossos jovens artistas, respira-se na suavidade poetica da *Leitura de um romance* do sr. Metrass, sente-se no vigor e movimento do baixo relevo do sr. Bastos, adivinha-se nas paisagens do sr. Annuniação.

Como o sentimento da poesia, alma e principio gerador de todas as artes, anima todas essas concepções!

O genio nacional percebe-se ali em todo o enlevo de perfume suave, de melancolia amorosa, de harmonia serena, de belleza ideal que o torna tão profundamente poetico n'este canto da Peninsula.

Finalmente, a exposição d'esta vez é d'aquellas que não precisa ser considerada pelo numero das salas, nem pela porção de quadros n'ellas expostos, mas pela importancia, pela significação e alcance das obras que atraem a observação e os louvores da critica.

A historia, a mythologia, as chronicas, as lendas religiosas, essas fontes de inspiração para o talento que as não sabe achar nos seus recursos proprios, tiveram sueto.

Em seu lugar figura uma bella multidão de quadros de phantasia, de paisagem, de genero, de interior, de animaes, de marinha, de natureza-morta, em que as individualidades do genio artistico se revelam.

Observa-se ahi a invenção, as predilecções especiaes que annunciam a indole de um caracter artistico e um forte sabor local, qualidades que até agora eram desconhecidas em as nossas exposições, e que todavia são as unicas que indicam os caracteristicos do genio da pintura de qualquor nação.

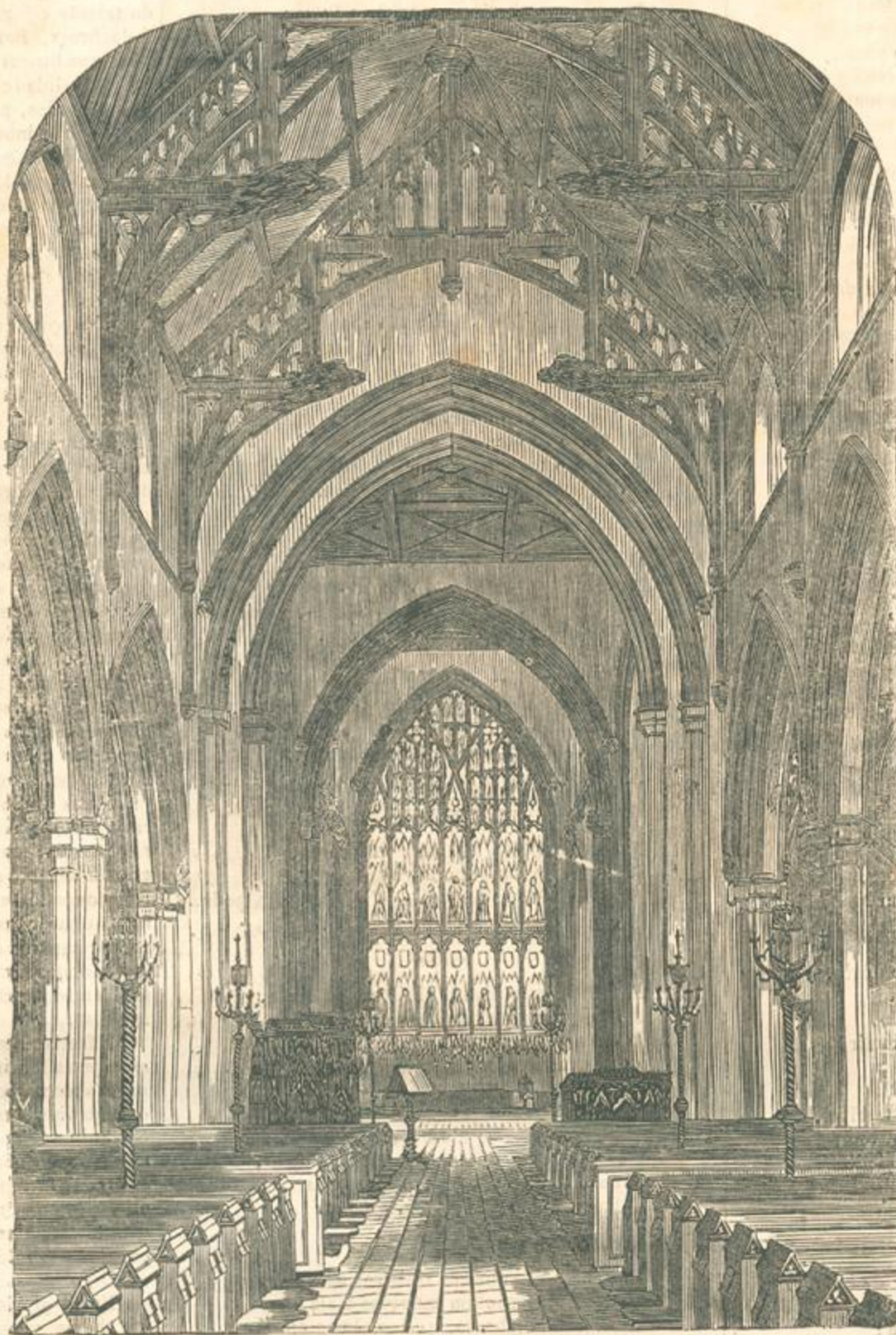
A exposição d'este anno é pelo menos portugueza: nas inspirações, nas tendencias e no alcance.

É um grande facto a registar, porque n'elle a pintura e a escultura, sobretudo, annunciam, e já de uma maneira triumphante, um periodo de transformação radical para as artes do desenho em Portugal.

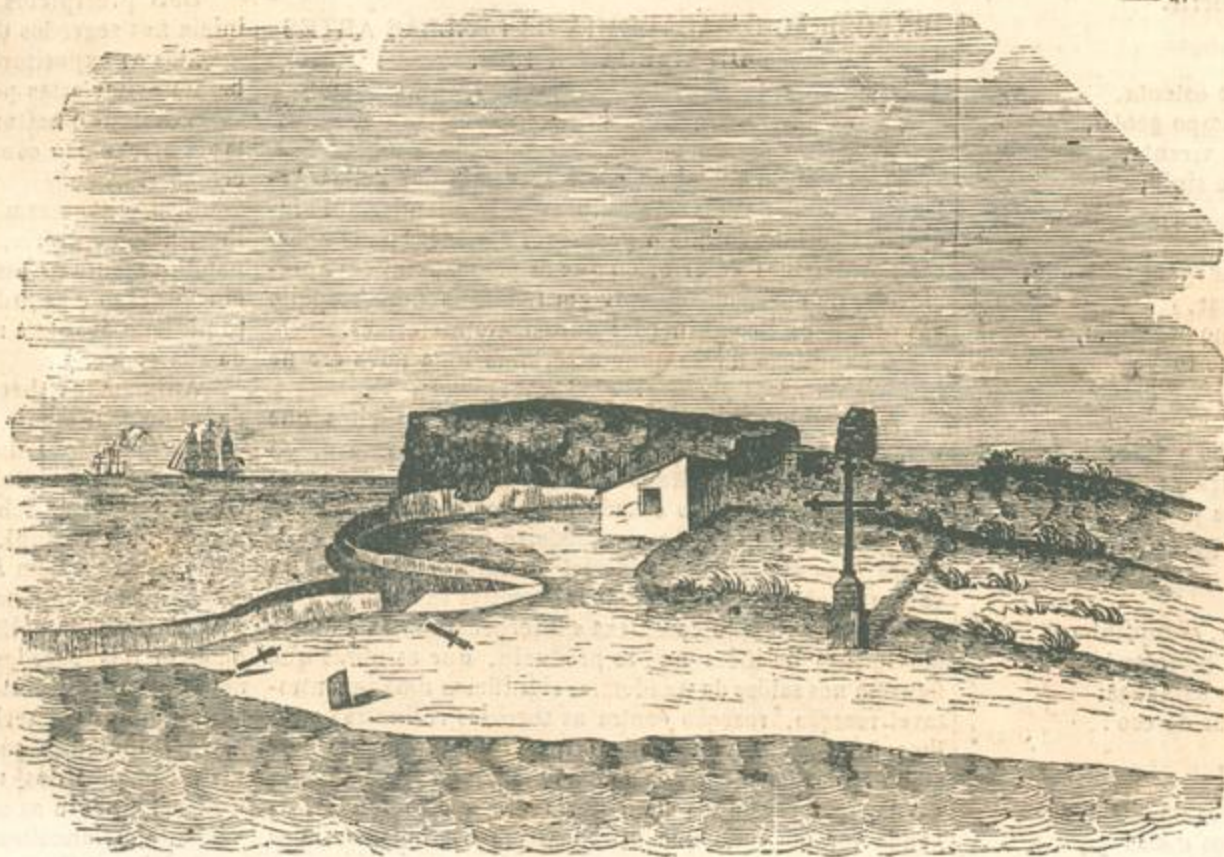
Continua. ANDRADE FERREIRA.

ESTAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DO CAIRO.

Acha-se já completo desde Alexandria até o Cairo o caminho de ferro egypcio, que fôra começado sob os auspicios do fallecido vice-rei Abbas-pachá. A linha começa na primeira d'estas cidades, e atravessando os ramos do Nilo denominados de Rosetta e Damietta, corta o delta do rio, até á pre-



Vista interior da igreja de Santa Margarida.



Porto d'areia do norte.

sente estação no Cairo; a secção que d'aqui segue pelo deserto e que vae terminar em Suez no mar Vermelho continua com activo progresso de construcção.

A estação, que se vê na gravura, foi erecta logo da banda de fora das muralhas da cidade e junto da porta Bab-el Hadid (porta de ferro) na estrada que conduz aos magnificos jardins do pachá em a aldêa suburbana chamada Soohbra, onde está o palacio, que no tempo de inverno era muito frequentado pelo reformador Mahomet-Ali.

A estação ou terminus está mais vantajosamente situada do que muitas das suas identicas na Europa, porquanto apenas dista poucos minutos de caminho da vasta hospedaria na grande praça de Esbekieh e de outras n'aquelle bairro. Do eirado que tem um aspecto oriental descobrem-se as melhores vistas do Cairo com sua cidadella e corucheos, e a extensão do deserto para o oriente e direcção de Suez, com as pyramides de Gizeh em distancia á banda do poente. Da parte da plataforma, a excellente alameda de acacias, que não tem rival, alinhada na estrada de Soohbra, de que acima fallámos, faz agradável contraste por seus ramos e verdura com as arenosas planicies adjacentes.

O viajante indiatico faz agora esta parte da jornada (de Alexandria ao Cairo) em sete horas, quando antigamente e antes do estabelecimento de vapores no Nilo, se gastavam pelo canal de Mahoumied em barcos tres ou mais dias.

M.

NOVA EGREJA DE SANTA MARGARIDA.

Damos n'este numero dois desenhos mostrando um edificio religioso, de uma architectura combinada de differentes estylos, ou antes phantasiosa, erecto em Inglaterra, á custa do conde de Stamford e Warrington, e tão recentemente que foi sagrado no dia 13 de junho do anno passado. O architecto foi W. Hayley, e na fabrica despenderam-se pelo orçamento vinte mil libras. Do gosto da obra avaliar-se-ha, quanto é possivel, pela estampa; a piedade do fundador é á conta da sua crença. É situado na volta do caminho que vae de Altrincham para Knutsford; esta ultima é uma terra importante da provincia de Chester, onde ha fabricas de algodão e veludilhos, e traz o nome do rei Knut ou Canuto que ali ganhou uma victoria no tempo dos danos; este rei entra no calendario como santo.

A santa Margarida, a que é dedicada a nova igreja, não podemos designar, porque não a declara a folha *Illustrated London News*, d'onde as estampas são tomadas. Podia ser a martyr padroeira de Cremona, que recebeu a palma ensanguentada da constancia na fé no terceiro seculo da era christã. Podia ser a santa Margarida, rainha de Escocia, que em 1070 se casou com Malcolm III, e isto era mais provavel em terra ingleza. Porém, nada aventuramos, a respeito de outras personagens canonizadas com o mesmo nome, porque ignoramos o culto do novo templo, que só é apresentado como amostra das novas construcções d'este genero.

PORTO D'AREIA DO NORTE.

É uma enseada deserta, proximo a Peniche, celebre pelo monumento simples e humilde, que commemora a morte de D. Vicente Vargas y Varaes, commandante do galeão hespanhol S. Pedro de Alcantara, que naufragou na noite de 2 de fevereiro de 1786.

O monumento, que consiste em uma cruz, é a só recordação d'um naufragio pelo qual se perdeu um magnifico navio, e, o que é peor, as vidas de trezentos homens da guarnição.

Aquella embarcação, segundo é voz constante, conduzia immensas preciosidades, para extrahir as quaes se tratou logo depois de empregar os meios adequados, conseguindo-se em grande parte.

Comtudo, apesar das diligencias então empregadas, o governo hespanhol julgou que não se tinha extrahido toda a carga, e por isso, annos depois, vendeu a um hollandez o direito sobre as riquezas que ainda existissem no mar. O hollandez vendeu-o a um negociante inglez, que ha annos o possuia, e ali mandou um navio e mergulhadores, de que não sabemos o resultado.

MYTHOLOGIA.

RAGHINIS.

Significa este vocabulo na India uma myriade de nimphas. Excedem o numero das Musas gregas. São nada mais, e nada menos do que trinta, e presidem á musica. Personificam differentes systemas musicas. A importancia, comtudo, unicamente se dá a quatro d'entre ellas. Estas são as que representam o rhythmo, a harmonia, a cadencia, e a melodia.

Os indios representam-as, a maior parte das vezes, derramando aguas tão limpidas, que formam um mar de ondas espelhantes, cujo murmuro significa o oceano dos sons. Seguram n'uma das mãos uma balança, symbolo da escala musical. Esta balança depende, para o seu equilibrio, das aguas, dos astros, e até dos ventos.

Nunca se representam estas nymphas isoladamente. Uma multidão de passaros, que devemos suppor harmoniosos nas suas cantigas, adornam o quadro. Se não cantam porém á



Vista exterior da egreja de Santa Margarida.

pessoa que admira estas pinturas indicas, arrebata-m-lhe, de certo, a vista, pela variedade e brilhantismo das côres com que os matizam.

Não concluiremos sem dizer, que seis d'estas *Raghinis*, ou *Raginis* foram divinizadas.

A differença entre as quatro nymphas, a que os indios dão a preferencia, e as seis que foram divinizadas, hade encontrar-a quem mais profundamente entender de musica.

ZEMAS.

Eram certos deuses, aos quaes os antigos habitantes das Antilhas offereciam em sacrificio, pasteis, fructas, flores, tabaco; e lhes faziam procissões levando n'ellas raparigas completamente nuas.

Ora estas festas acompanhavam-se de danças sagradas, entremeadas de canções ou hymnos patrioticos.

Os sacerdotes dos taes deuses tambem serviam de oraculos.

Apesar d'isto não eram tão egoistas que não distribuisssem pelos devotos alguma parva dos pasteis offerecidos aos seus deuses. O fragmento d'estes pasteis, por mais pequenino que fosse, era um excellente preservativo contra toda a casta de molestias. Por isso nenhum devoto o commungava sem primeiramente enterrar pela guela uma varinha para provocar vomitos e limpar o estomago.

Este emetico valia mais do que o receitaurio dos medicos e cirurgiões. Cumpriam-o á risca sem reconhecer que era um preceito medicinal.

SEVA.

Era uma deusa adorada pelos slavos.

Além d'este nome, tambem lhe rendiam cultos sob a designação de *Siva* ou *Siba*.

A tal deusa presidia á vegetação. Sacrificavam-lhe animaes, e algumas vezes os prisioneiros que faziam na guerra.

Representavam-a em figura de mulher, segurando n'uma das mãos um pomo, e na outra um cacho de uvas.

Agora repare-se bem para o nome d'esta divindade, e aproximando-o de *seiva*, termo que a botanica actualmente emprega para designar a vitalidade d'uma planta, reconheça-se que os antigos, divinizando a força creadora e productiva, exigiam dos homens um santo respeito pelas plantas e arbustos.



Estação do caminho de ferro do Cairo.

POBRE LUIZA!

ROMANCE CONTEMPORANEO.

Continuação.

VII

O SONHO E A ENTREVISTA.

—Disseste que me tinhas muito amor. E posso acreditar-o? Amas-me muito? É verdade? dizia a donzella.

—Se te amo! Amo-te como a folhinha da arvore ama a brisa da tarde que ás horas do crepusculo vem bafejar-a; como o sol ama a amplidão do espaço por onde dilata os seus raios...

E a donzella estendia então os braços, julgando, na allucinação dos sentidos, que encontrava os do mancebo que via diante de si tremulo e ancioso.

—E é certo que me amas muito? repetia ella formando um collar com os lindos braços. Olha, eu tambem te amo tanto! No meio d'este grande affecto que sinto por ti, nenhuma idéa estranha a elle me vem importunar. Quizera apenas que não houvesse obstaculo algum que nos viesse arrancar dos braços um do outro. Desejava ter-te sempre chegado a mim, aqui, bem junto ao coração; dizia ella pondo a mão no peito. E depois, quando tu, passada uma grande tempestade lá muito longe, no alto mar, viesses fatigado de commandar a manobra e molhado pelas torrentes de agua, com que doce alegria, com que prazer te receberia nos meus braços, te aqueceria junto ao peito!

E depois de longo silencio a donzella continuava:

—Porque eu havia de seguir-te por toda a parte, não é verdade, querido?

—Oh! Luiza, respondia o mancebo, não me falles assim, que as tuas palavras escaldam-me o coração, fazem-me enlouquecer de contentamento.

E sorrindo, tambem palpitante, enlaçava a delicada cintura da donzella, cujas graciosas formas apenas uma camisa de finissima cambráia occultava.

Outras vezes extático, e como que tocado de respeito, retirava-se um pouco e contemplava de longe a donzella.

O pé breve, sobre o qual se ia desenhando a columna mais bem faceada, que o cinzel pode trabalhar, caía fora do lençol até ao artelho.

Branços, como o mais puro jaspe, e rosados, os braços, cujas veias azuladas appareciam aqui e ali como os laivos desvanecidos na assetinada rosa, tremiam estendendo-se, como implorando ao mancebo que se aproximasse.

Depois recáia de novo no leito, porque a posição contrafeita lhe interrompia o somno, desvanecendo-lhe a visão querida.

D'ahi a instantes, porém, augmentada a excitação do espirito com a quietação do corpo, a donzella delirava de novo.

Então, com o corpo suspenso sobre um braço, e descobrindo os hombros, cuja macia cutis excedia em brilho a estrella, a donzella, alongando o collo de neve e por entre um sorriso gracioso, chamava com a afilada mão o mancebo que lhe fugia.

E o cabelo d'ebano, que se estendia desgrenhado e formando como que caprichosas ondas em volta do rosto, dava-lhe uma apparencia tão phantastica, que, quem assim a visse e a taes horas, julgaria ter diante de si uma Venus saindo vaporosa das escumas transparentes do mar!

—Oh! vem, querido, quero enlaçar-te nos meus braços, continuava ella ainda. Deixa-me ler n'esses teus olhos amorosos o que sentes por mim. Oh! vem, vem, querido...

E o somno a fugir-lhe e a tornar-se-lhe menos clara a imagem do mancebo. Umas vezes Luiza via defronte de si essa imagem distincta, e com a animação ficticia, que lhe prestava o desvaire dos sentidos; outras, mais confusa, menos completa, porque o acordar estava proximo, e assim o desvanecimento da sombra.

—Ah! mas tu foges, dizia ella depois, tendo pintado no semblante o resentimento, mais affectuoso que reprehensível, que lhe excitara o mancebo parecendo recusar-se a partilhar da sua expansão. Foges, não me queres! proseguia, com apparencia despeitada. É assim que pagas todo o amor que te consagro? Este sentimento immenso, incomprehensível, como incomprehensível é o Deus que nol-o concedeu, despresa-lo tu, rindo talvez de mim? Não tens pena d'esta que te ama, que é capaz de pôr em pratica tudo o que fór preciso para se aproximar de ti! Porque tu, querido, não sabes talvez, continuava ella pairando-lhe nos labios um sorriso amargo; que se fosses rei, não podendo possuir-te d'outro modo, havia de pedir a Deus que nos unisse no ceo! E tu não queres? diz, responde...

E o sonho acabara... porque o cansaço, martyrisando-lhe o corpo, restituira-a á vida.

Depois d'esta noite, nunca mais Luiza teve alegria. Nunca mais tornou a sorrir, excepto uma vez que, chegando á janella, viu o guarda-marinha.

Desde então, á tarde, quando o sol ia a morrer no ho-

risonte, Luiza apparecia sempre á janella, por que era essa a hora a que o guarda-marinha costumava passar.

Elle passava e sorria; a donzella sorria tambem, e retirava-se, porque a enferma notara já as suas frequentes ausencias, e dar-lhe um desgosto seria matal-a.

Uma tarde, Luiza chegou á janella como tinha por habito. Maria tambem ali estava. O guarda-marinha passou.

Maria, que ainda não esquecera o mancebo, no dia seguinte e á mesma hora collocou-se tambem á janella.

—Maldita sejas tu, disse ella consigo mesmo, quando viu passar e sorrir o mancebo. Até a minha mais cara affeição, talvez a unica, me roubas! Ainda que tivesse de passar por cima de ti para o alcançar não duvidaria fazel-o, pensou Maria; e desde então começou a augmentar-se-lhe a paixão, e com ella o odio que lhe inspirava Luiza.

Em poucos dias uma carta do mancebo annunciava a Luiza todo o affecto que elle lhe tributava.

Luiza respondeu-lhe; e uma correspondencia assidua, e raras vezes interrompida, ligou ainda mais aquellos dois entes, que o destino parecia ter formado um para o outro.

Porém, uma mulher perversa, para satisfazer o seu rancoroso odio, havia de separar dois corações, que a mesma paixão tinha casado.

Em uma das cartas pedia-lhe o guarda-marinha uma entrevista. Luiza respondeu-lhe. Dignidade, pudor infantil, confiança cega no amante, e amor ardente e quasi louco era o que a carta da donzella exprimia, acabando por conceder-lhe o que pedira.

O guarda-marinha veio. Luiza fallou-lhe.

O mancebo, ao aproximar-se d'ella, tremia. Luiza estava quasi arrependida de dar aquelle passo. Recuar era mostrar-se fraca, e não confiar no mancebo. Cobrando, portanto, animo, correu para elle, e o nome querido que ia a sair-lhe da bocca em accento terno e apaixonado, esmoreceu-o o pudor quando, affectuoso e meigo, transpunha os labios de carmim.

—Senhor Fernando, disse ella então, vencendo com apparente socego o receio, que mau grado seu a dominava; não me culpe pela facilidade em lhe conceder o que me pedia na sua carta. Confiada vim, e confiada espero que só veja em mim aquella que hade ser sua, mas que o não é por ora senão pelo coração e pelo affecto. Debaixo d'essa farda, que a patria lhe deu, continuava ella, arrasando-se-lhe os olhos de lagrimas, não pode nem deve palpitar um coração que não seja nobre e capaz de repellar as más tentações, que ás vezes assaltam o pensamento. Se é incapaz de respeitar a donzella que, confiada, não hesitou em fallar-lhe a sós, n'esse caso, senhor Fernando, arranque as insignias que immerecidamente o distinguem, e faça por esquecer aquella que o amou em quanto o senhor foi honrado... e hade lastimal-o depois de perdido.

E o pranto e a emoção vieram cerrar-lhe a voz na garganta.

O mancebo caiu ajoelhado beijando-lhe a mão; e Luiza, no movimento subito que fizera para levantar-o, foi poisar involuntaria e levemente os seus labios de carmim na tez do mancebo, que ainda estava meio curvado.

Dir-se-hia que aquelle beijo, puro como a alma da donzella, fóra um laço d'amor que os unira um ao outro eternamente, sem que mesmo o destino fosse capaz de separal-os!

Ai, como são ephemeross estes passatempos innocentes da juventude! Quantas vezes a dôr succede ao sorriso, a tempestade á bonança, a desgraça á felicidade! Como esta é tão pouco duravel! A felicidade completa traz consigo uma especie de tedio que degenera por fim em desgraça! A felicidade passa rapida e desaperecebida, sem ao menos haver tempo para gosar-a! É impossivel a existencia de uma felicidade perpetua, d'um bem estar não interrompido!

Pergunta á amante, que na aurora da vida viu descer á campá aquelle que era o enlevo da sua alma, se ha felicidade n'este mundo? Pergunta-lhe se alguns mezes de mutua e innocente adoração, compensam os annos e a vida inteira, que ella passa, vertendo lagrimas de sangue, ajoelhada sobre a loisa fria que lhe roubou para sempre o que ella não tornará a ver?

Pergunta-o á mãe, a quem a Providencia roubou o filhinho que apenas balbuciava o nome querido de quem lhe dera o ser. Pergunta-lh'o, porque se ella souber o que é ser mãe, o que esta palavra, á primeira vista simples, encerra de nobre e de bello, responder-te-ha chorando, se a dôr não lhe tiver seccado já o pranto, que não ha felicidade perfeita no mundo.

Não te rias então. Curva-te, e respeita aquella dôr, que tu nunca comprehenderás, porque nunca te será dado o soffrel-a.

Pergunta tambem ao pae que viu nascer o filho, á mãe que o adivinhou ainda no seio, e que o viram desinvolter-se, crescer pouco a pouco até chegar á mocidade, se não é uma dôr do coração, um martyrio, a que só pode resistir uma constituição moral robustissima, vir então a morte e roubar-lhes aquelle ente, para quem, talvez, estava aberto o caminho da gloria!

O guarda-marinha, levantando-se então, e por entre os gemidos que lhe saiam do intimo do peito e das lagrimas que lhe entrecortavam a voz tremula, pegou com uma das

mãos nas da donzella, e, estendendo a outra como quem queria tornar mais solemnes as suas palavras, disse:

—Luiza, por tudo o que ha de mais sagrado no mundo, pelo ceo, pelas estrellas, por todas estas coisas que nós vemos e são a imagem viva de Deus, juro-te que serás sempre para mim a mulher querida do meu coração, o anjo do meu sonhar de creança, que eu entrevia nas esperanças risonhas da juventude, e nunca a mulher para quem os homens olham com os olhos do corpo. Luiza, continuava elle, sabes porque eu te amo? É porque tu és a mulher mais nobre, a mais innocente, que existe n'este mundo. Queres que te diga, querida, porque te amo? Foi o teu amor que me fez amar-te. Sem elle nunca me inspirarias tal sentimento. Sempre me julguei indigno de ti. Quando tu me olhaste com esses olhos, que não são da terra, córei, tremi, envergonhei-me, porque li n'elles um não sei que de divino, um fogo, uma vividez que era celeste, e que penetrava até o intimo d'alma. Ao tornar a mim, quando já te não via, foi então que me conheci. Não era o mesmo homem. Um olhar teu transformara-me. Tinha-me purificado, e da materia não existia senão o corpo, mas mais perfeito, mais isempto das fragilidades da vida, como involucro da alma, que com a tua se tinha casado. «Uma mulher assim não ama um homem que a não mereça» disse eu. E amei-te e vivi, porque o teu amor dera-me amor, e a tua vida, força para existir.

E um beijo, e outros beijos fervidos e ardentes foram sellar na bocca do mancebo aquelle protesto d'amor!

Então Luiza, parando no meio do transporte que lhe excitara o nobre pensar do mancebo, e como que envergonhada da fraqueza que mostrara, escondeu o rosto entre as mãos.

—Luiza, Luiza, exclamava o mancebo, enlaçando-lhe a fronte com os braços; responde-me. Que tens? O que é capaz de interromper as tuas idéas quando todas ellas se dirigem a mim? É a imagem d'outro; mais lembrada, mais querida ao teu coração, do que eu sou, que te vem assim entristecer? Dizê. Responde; que o teu silencio é a duvida, e para mim tudo o que não é certeza é a morte.

E o mancebo, vergando sob o peso d'aquelle pensamento terrível, que o silencio de Luiza ainda mais allimentava, tinha tambem occultado o rosto nas mãos, e por entre ellas desliziava-se de quando em quando uma lagrima furtiva, traducção exacta, expressão sublime e admiravel de todas as sensações atormentadoras ou agradaveis que a alma pode sentir!

—Fernando! disse a donzella, acordando de subito d'aquella especie de vida á parte em que vivera por instantes; Fernando, meu Fernando! repetia ella, forcejando por ver o rosto do mancebo, que continuava encoberto.

E depois, com ineffavel ternura, enlaçando com um braço o mancebo, retirava-lhe meigamente do rosto as mãos que ainda tinha sobre elle.

—Oh! Fernando! Porque choras? Duvidaste um minuto de mim? Tu não sabes que não posso pertencer a outro homem? Que, se o acaso me separasse de ti, morreria no instante em que te dissesse o ultimo adeus? Não sabes que ha existencias que só vivem umas pelas outras? Que com o ultimo sopro da tua vida a minha acabaria tambem? Fernando! Dize, responde, querido. De que me serviria a mim o viver, morta a minha pobre mãe, e perdida de todo a esperanza de me unir a ti na terra? Haveria porventura alguma coisa que fosse capaz de tornar a vida agradável para mim? Oh! Fernando, não tornes a duvidar do meu amor, porque me fazes grande injustiça. É verdade que os meus olhos são da terra, que não lêste n'elles coisa alguma que fosse divina, que não teem nem o fogo nem a vividez que penetra até ao intimo da alma, como tu imaginaste; mas o coração, Fernando, o coração diz-me de sobejo que te não engano, que é verdadeiro e sentido todo o affecto que te tributo.

E as lagrimas, que lhe borbulhavam numerosas dos olhos, iam misturar-se com as que o mancebo derramava tambem.

Luiza, depois de curta interrupção, continuou:

—Foi um pensamento triste que passou rapido, e veio enlutar a alegria que sinto de ter-te junto de mim! Que queres? Cada cruz tem seus espinhos, cada prazer suas lagrimas. Lembrei-me de minha mãe; tive desejos de cair de joelhos, de prostrar-me diante do Senhor, e contigo entoar uma prece para que lhe restituísse a saúde. Não te parece que os nossos rogos hão de ser attendidos?

—Oh! Luiza, respondia o mancebo. Perdoa-me, casta pomba do meu coração. Sou tão miseravel que envenenei com o fel da desconfiança o teu sentimento filial. Perdoa-me, se é que mereço o teu perdão.

E um pensamento mutuo, que tinha calado no coração dos dois amantes, fel-os ajoelhar a ambos!

A lua, então, áquella hora melancolica da noite, desdobrando o seu manto de nuvens, estendia os raios prateados pela amplidão dos ceos até esmorecidos e meigos virem illuminar aquella scena, que não podia ficar encoberta aos olhos de Deus.

Nenhum movimento, nenhum susurro, que interrompesse a oração fervorosa dos amantes, se ouvia. Apenas de quando em quando um ruido vago, quasi imperceptivel ia perder-se ao longe na extensão infinita do espaço. Dir-se-hia que o mar a terra e os ceos, cantico constante

que celebra o supremo poder de Deus, prescindiam por instantes da propria magestade, para aos pés do Senhor chegar mais pura, mais sublime, a ardente prece dos dois amantes!

A natureza inteira emmudecera! O silencio mysterioso da noite, que arrasta a imaginação do homem de cogitação em cogitação até ao abysmo insensível onde não penetram nem os mais esclarecidos juizos, nunca se mostrara tão sublime, tão proprio a excitar a doce poesia d'alma que experimentam aquelles a quem Deus dotou de fé ardente e viva na sua misericórdia!

Os dois amantes continuavam ajoelhados. Luiza rezava ainda, e o mancebo contemplava-a admirado de tanta belleza, lendo-lhe no rosto pallido, onde os raios da lua batiam em cheio, toda a bondade d'aquelle coração.

Luiza levantou-se, e voltando-se para o mancebo, que a olhava ainda, disse-lhe:

— Obrigada, Fernando. Deus t'o pague. Não sabes que doce balsamo derramaste no meu coração! Não te parece que o nosso amor, agora, está santificado pela oração que ambos dirigimos ao Senhor?... Elle hade abençoar-o! Assim o espero. Não é verdade? Fernando.

E os dois amantes, depois de trocarem muitas expressões affectuosas, despediram-se.

Continua.

M. L. COELHO DE MAGALHÃES.

LITTERATURA DRAMATICA.

O SAPATEIRO DE ESCADA.

Continuação.

SCENA XVI.

ANGELICA, ENGRACIA, JOSEFA E O SAPATEIRO.

ANGELICA.

Tire-se d'essa soalheira, mamã. Lembre-se que ficou de cama, o anno passado, só por que apanhou um bocado de sol, á porta da Sé, no dia de Corpo de Deus.

ENGRACIA.

Ainda que eu cuidasse o que cuidasse, não me tirava d'aqui. Tu pensas que nasci hontem, ou que vim ha pouco da Lourinhã? O mestre! (O Sapateiro apparece.) Tem estado sempre em casa? (Angelica faz-lhe signal com o dedo para que diga que não.) A quem estás tu fazendo gafafunhos, Angelica?

ANGELICA.

(Crusando os braços.) Eu? mamã?

SAPATEIRO.

(Fazendo-se boçal.) Eu ainda hoja não tive tempo nem para me coçar! Veiu ahí um rapaz da minha criação, que é tambem da minha terra; e como quer agora voltar para a terra...

ENGRACIA.

Eu suppunha que o mestre era alfacinha.

SAPATEIRO.

Sou ainda doze leguas arredado do bispado da Guarda. Ora como eu ia contando: isto hoje dos passaportes fia muito fino, e então eu, para o livrar de trabalhos, andei toda a manhã a tratar-lhe da papelada.

ENGRACIA.

Pois ind'agora, quando essa creatura ahí do lado gritou, o sr José Pardal não veiu cá acima?

SAPATEIRO.

Quem, eu? Nem eu a ouvi gritar, nem que ella deitasse os bofes pela bocca fora eu me incomodava por isso. (Angelica tapa a bocca com o lenço para disfarçar o riso).

ENGRACIA.

Tire o lenço da bocca, menina. Quando alguém de certa idade está fallando, os mais moços não se devem rir. (Para baixo.) Desculpe, sr. José Pardal, mas esta cabecinha está ainda muito verde. (Indica Angelica).

ANGELICA.

A mamã engana-se. Eu não me estava rindo!

SAPATEIRO.

Ria, menina, que está na idade propria. Então porque gritou ella? Sabe, sóra D. Engracia?

ENGRACIA.

Não sei. A minha Angelica tinha ido á porta comprar umas miudezas. Eu, que não gosto de a ver ir á escada, não por ella que, ainda até hoje, graças a Deus, não me deu desgostos, mas pelas linguas do mundo, fui tambem para a acompanhar. De repente... (Angelica torna a tapar a bocca, e a rir-se.) Muito riso pouco siso, menina. Eu hoje desconheço-te!

ANGELICA.

A mamã o que está é de implicação comigo, e eu um bello dia fujo de casa, e vou para um convento. (Finge que chora e recolhe-se para dentro).

SAPATEIRO.

Coitadinha! Tambem a senhora aperta de mais com ella!

ENGRACIA.

De repente, ouço a visinha gritar que haviam ladrões na escada, e um homem mal encarado...

SAPATEIRO.

Viu-o?

ENGRACIA.

Tarrenego! Morria de medo! mas á lamuria que fez a visinha não havia ser bonito o tal meliante!

SAPATEIRO.

E depois?

ENGRACIA.

Depois... nada. Fechei a minha porta com o ferro-lho, e não ouvi mais tujir, nem mugir!

SAPATEIRO.

Isso haviam ser lerias da criada, aqui do pax vobis do lado.

ENGRACIA.

Agora por pax vobis. Como se chama o inquilino aqui da ilharga, sabe?

SAPATEIRO.

Olhe. Anacleto, sei eu que se chama. Outra agora o appellido não estou certo. (Conta pelos dedos.) Mas elle, ou é Figueiredo... ou é Vasconcellos... pois não senhora, é Ramos! Anacleto dos Ramos é que elle é!

ENGRACIA.

(Á parte) O coração não me enganava. (Para baixo) E que idade lhe faz você, mestre?

SAPATEIRO.

Eu faço-lhe ahí cincoenta e cinco, a cincoenta e seis, mais anno, menos anno. (Á parte) Deixa-me ir segurando com as informações. (Alto) Boa pessoa parece elle. Homem pacato, esmolero; a ter defeito, é ser um pouco brandinho de genio. Mas porque me pergunta a idade d'elle?

ENGRACIA.

Eu? Por perguntar! Obrigada, mestre. Eu vou até lá dentro ver a minha Angelica; em lhe ralhando diante de gente fica tão sentida, cortada! Com licença. (Retira-se e fecha a janella.)

SAPATEIRO.

Anda lá que foste menos mal embaçada!

JOSEFA.

(Apparecendo á janella) Então o homem fica-me cá de cama e mesa?

SAPATEIRO.

Agora. Agora é que é boa occasião.

JOSEFA.

(Fallando para dentro) Ande, pode sair.

JULIO.

(No patamar) Ora até que finalmente posso escapar-me! (Desce rapidamente pela escada abaixo.)

SAPATEIRO.

(Chega á porta, vê Anacleto á esquina, e empurrando Julio) Suba, suba, que elle ahí vem!

JULIO.

Elle? Quem? Os diabos me levem se eu o entendo! (Sobe, empurrado pelo sapateiro, e chega ao patamar de cima.)

JOSEFA.

(Tem chegado á janella, visto Anacleto, e empurrando Julio para baixo) Desça, desça que elle ahí vem!

JULIO.

Suba, que elle ahí vem! Desça, que elle ahí vem! Já fiz a vontade a ambos... agora... (Mette-se para dentro de casa de Anacleto.)

JOSEFA.

(Benzendo-se) Valha-me a Senhora dos Impossiveis! (Fecha a porta.)

SCENA XVII.

ANACLETO E O SAPATEIRO.

ANACLETO.

(Parando defronte da porta) Devo este favor á senhora camara municipal! A numeração antiga da minha porta era 100, mas taes rebates lhe fizeram que venho encontrar-a em 5, pelo juro de lei! Por isso eu não dava com a Engracia, nem recebia cartas de meu sobrinho!

SAPATEIRO.

(Á parte) Lá está o visinho a fallar só! (Alto) Então em que está a scismar, sóra Anacleto?

ANACLETO.

Em coisas d'esta terra, homem! Muda-se a numeração das portas, e não se avisam os particulares!

SAPATEIRO.

Se não me engano, o visinho tem coisa que lhe dá satisfação. Está assim a modos com cara de quem recebeu boas noticias! (Á parte) Em elle sabendo o que por cá tem ido...

ANACLETO.

Recebi pela barca « Ligeira » uma carta da Bahia em que se me diz o seguinte. (Abre a carta e lê). Et cætera, et cætera, isto não vem para o caso, e depois... (Vira a folha e continua.) « Seu sobrinho, está sendo aqui n'esta praça o ai Jesus de todos os negociantes. Tem uma lettra que parece de chapa, falla com os estrangeiros nas linguas d'elles, e sabe de contas como um papagaio! » (Declama). Então que me diz você ao rapazinho? Isto quando se é do mesmo sangue alegre!

SAPATEIRO.

Pois não! Eu sempre ouvi dizer que o saber não occupava logar!

ANACLETO.

Esta cartinha ainda reza mais. Diz que o rapaz é um barra para as moças; isso não admira porque é de familia; e que já se metteu por sua conta ao negocio, d'onde infere o meu dito correspondente que meu sobrinho já deve ter juntos alguns vintens.

SAPATEIRO.

São realmente noticias para alegrarem um tio, e eu dou-lhe os parabens com todas as veras da minha alma (Abraça-o).

ANACLETO.

Ora pegue você lá, para beber um quartilho á saude do rapaz. (Rindo boçalmente.) Uns dias tudo, outros dias nada! Você não me viu ind'agora embaçado para a porta?

SAPATEIRO.

Vi; mas como sou pouco curioso...

ANACLETO.

Pois saiba, mestre, que a tal mãe, da tal filha de que era sub-tutor... (Mysteriosamente). A outra... a de que eu lhe fallei?... (O sapateiro finge que não entende.) Então, nada?

SAPATEIRO.

(Abanando a cabeça.) Pois senhor... nada!

ANACLETO.

Dei com a antecessora da Josefa! Mau genio, sim senhor, mas uma mulher de truz!

SAPATEIRO.

Bravo! Então ella morava para longe?

ANACLETO.

A graça é essa! É que eu estava na aldêa, e não via as casas! Mora aqui mesmo na escada. É a Engracia, a mãe da Angelica, a viuva do meu amigo, a mãe da filha de que eu sou o sub-tutor. Não conhece?

SAPATEIRO.

Como os meus dedos. (A parte.) Deixa-me ir segurando com as informações (Alto.) Não é lá esse genio que o senhor quer dizer! Não é uma papa assorda, isso não. É isto a que se chama uma boa mulher. Um pouco sobre o reforçado, mas ainda menineira. Parece irmã da filha!

ANACLETO.

Tanto não direi eu. A pequena, era pequena, e já mostrava o que havia ser quando crescesse.

SAPATEIRO.

E quaes são agora as suas tenções?

ANACLETO.

Isso agora!... Vejo-me entre a bigorna e o martello. Estou farto até aos olhos de aturar a sirigaita da Josefa; ha entre nós um par d'annos de differença de edades, e d'aqui a dois dias.... (Como quem lhe acode uma idéa.) Para o mestre é que ella estava na conta.

SAPATEIRO.

(Rindo.) Ora o sôr Anacleto tem ratices! Uma mulher costumada, ella a bons capotes, ella a bons cordões, ella a bom tudo, limitava-se cá aos meus feijões!

ANACLETO.

Nem todos os padrinhos são unhas de fome. Uma boa capella põe-se ahí com quanto? Com trezentos mil réis? Ora o que são trezentos mil réis, faz favor de me dizer?

SAPATEIRO.

Tendo o sôr Anacleto essa bondade?.... Eu sempre ouvi dizer que pobre, e soberbo, eram dois males n'um só. Continua.

CHRONICA SEMANAL.

—Nota-se na Baviera, nas populações protestantes, certas tendencias do clero evangelico em favor da restauração da disciplina ecclesiastica.

—O principe Frederico Guilherme da Prussia partiu de Berlin no dia 6 do corrente para Londres.

—A situação financeira da praça de Nova York caracteriza-se por elevados descontos.

—A esquadra do almirante Lyons invernará no Bosphoro.

—O embaixador da Persia está convidando officiaes europeus para entrarem no serviço d'este paiz.

—Na Nova York abriu-se uma escola de medicina para mulheres.

—A exportação de azeite no mez de outubro, pela barra do Porto, foi de mil trezentos e trinta almudes, no valor de quatro contos e cento e sessenta e cinco mil rs.

—O brigue *Norma* é um novo vaso construido no estaleiro de Villa Nova de Gaia, e que caiu nas aguas do Douro no dia 14 do corrente.

—O actor Taborda estreiou-se no Porto, no drama *Miguel o Torneiro*, e com a scena comica, o *Cantor cosmopolita*. Dias antes já o theatro não tinha um camarote por alugar para aquella noite. Foi muito applaudido.

—O valor do vinho exportado no Porto no mez de outubro, é de trezentos e dezoito contos e oitocentos e cincoenta e um mil réis.

—Da mesma cidade, e no mesmo mez, exportaram-se novecentas e dezesseis arrobas e onze arrateis de sarro de vinho, no valor de dois contos e cento e sessenta mil rs.

—Descobriu-se na California o *Phalangium pomeridianum*, cuja raiz é uma bola de sabão. Está-se ensaiando a sua naturalisação nas immediações de Vienna d'Austria.

—Mr. Goldschmit descobriu um planeta, a 22 de maio do corrente anno, que denominou *Harmonia* em commemoração da paz.

—O *Scientific American* diz que n'estes ultimos tempos tem havido muitos casos de cegueira, causada pelo habito de ler quando se viaja em caminho de ferro.

—Em Assilbó, freguezia d'Albergaria a Velha, assassinaram na noite de 7 do corrente, e esquartejaram um homem por causa da collocação de uma ratocira, armada para a caça de coelhos.

—Charles, o celebre domador de feras, acha-se actualmente no Rio de Janeiro. Offerece um conto de réis a quem se apresentar a lutar com elle, e o deitar ao chão, braço a braço. Já se achavam inscriptos para a luta um inglez, um americano, um italiano, um portuguez, um brasileiro e um francez.

—Organizou-se no Rio de Janeiro uma empresa para a edificação do theatro, presidida pelo visconde de Rio Bonito, e sustentar os espectaculos do theatro provisório em quanto dura a construcção do outro.

—O regimento de cavallaria n.º 4, que estava em Belem, regressou a Santarem no 1.º do corrente. O regimento de infantaria n.º 4 que estava em Estremoz foi augmentar a guarnição de Elvas, que fica composta d'este corpo, do n.º 17, e do 2.º regimento de artilheria. O regimento de infantaria n.º 11, que se achava em Lisboa, voltou para Abrantes, d'onde destacou um batalhão para Castello Branco. O regimento de infantaria n.º 12 saiu da Guarda para Estremoz, em consequencia da ophtalmia que este corpo soffreu na Beira.

—Bartholo Henriques da Rocha, residente no logar d'Anilho, freguezia d'Albergaria, foi morto á pancada, e a filha muito mal tratada com bordoadas. Suppõe-se que proveiu isto do furto d'umas espigas de milho.

—No mercado do Porto regula a aguardente de 285 a 300\$000 rs. a pipa.

—O rei de Napoles ainda não declarou terminantemente se reconhecia a competencia do congresso de Paris na questão napolitana.

—Mr. Rumball propõe-se crear em Lisboa um estabelecimento que satisfaça plenamente á construcção naval, machinas de vapor, caldeiras, locomotivas, etc., e exige certos privilegios que, segundo se diz, o governo está inclinado a conceder-lhe.

—Sir John Rennie, engenheiro inglez, que está encarregado de melhorar a barra do Porto, apresentou propostas ao governo para a continuação do caminho de ferro do Carregado até o Porto.

—Na roca de Egg, bahia de Boston na costa dos Estados Unidos, estabeleceu-se um pharol de apparato lenticular de quinta ordem.

—Na feira de Vista Alegre houve porcos que se venderam por 48\$000 rs.

—Creou-se uma cadeira de principios de physica e chymica, e de introdução á historia natural dos tres reinos, no lyceu nacional d'Angra do Heroismo.

—O total das subscrições que se fizeram ultimamente em Franca a favor das povoações inundadas, montou á quantia de 1.980:000\$000 reis.

—As medalhas commemorativas da coroação do imperador da Russia, tem de um lado a effigie do imperador, vista de perfil, e no reverso a aguia russa de duas cabeças com a legenda—*Dominus vobiscum*.

—Segunda feira 17 tiveram logar em S. Vicente de Fora os officios funebres por alma da rainha a Senhora D. Maria II.

—Segundo escrevem de Macau, a rebelião chinesa parece tomar novas forças.

—Estão concluidos os reparos de que precisava na machina o vapor D. Maria II, para ir concertar a Inglaterra.

—No dia 19 teve logar, na sala da Academia das Sciencias de Lisboa, a sessão real.

—N'um predio do largo da Annunciada, em que actualmente andam obras, descobriu-se o cadaver de uma mulher, que se reconhece ter sido morta ha quatro mezes, mas não se sabe se a morte proveiu de crime.

—A opera *Torcatto Tasso* que actualmente está em scena no theatro de S. Carlos agradou pelo seu bom desempenho.

—O theatro do Salitre vae abrir com uma nova companhia hespanhola que chegou a esta cidade.

—O conselheiro Lessa, que dissemos achar-se no Porto, por serviço publico, está tratando de arranjar ali um edificio para estabelecer o correio d'aquella cidade, e a mala-posta. Diz-se que escolherá ou o edificio da caixa filial do banco de Lisboa, ou fará concertar o do Carmo, onde esta repartição está interinamente estabelecida.

—O ministro da Russia, mr. de Ozeroff partiu de Lisboa no vapor francez.

—A feira de S. Martinho em Penafiel esteve muito concorrida, apesar da chuva; houve poucas vendas, e jogou-se muito, na forma do estylo.

—O theatro nacional do Porto tem actualmente em scena o Santo Antonio, do sr. Braz Martins.

—No theatro lyrico do Porto está em scena a *Traviata*.

—No dia 12 do corrente as aguas do Ave receberam um novo barco baptisado com o mesmo nome. Virou-se, e junto ao Cabedello poz-se direito.

—No 1.º de janeiro do corrente anno o numero dos mendigos soccorridos pela *Union Workhouses* era, na Inglaterra propriamente dita, e no paiz de Galles, de oitocentos setenta e seis mil seis centos e sessenta e nove.

Entre os pensionados por este deposito ha tres mil duzentas oitenta e uma mães de filhos illegitimos, e duas mil cento e oitenta duas mulheres, cujos maridos se acham presos.

—A mulher, segundo diz um autor de fama, mata o homem com um olhar, e salva-o com outro olhar.

—A companhia de cavallinhos de D. José Serrate,

tem divertido o publico da feira de Penafiel, acabando sempre os espectaculos com quadros vivos.

—Exportaram-se do Porto, no mez de outubro, dois mil e quinhentos alqueires de castanha.

—A associação fraternal dos serralheiros de Lisboa, para levar á pratica a instituição das casas de trabalho, acaba de abrir a sua officina social.

—A caixa de soccorros da Imprensa Nacional teve de receita ordinaria e extraordinaria no mez de outubro, 112\$925 rs.

—Uma mulher de Lille para estancar o sangue de uma ferida que fizera na mão poz-lhe tabaco em pó. Propagou-se-lhe logo a inflamação do braço ao hombro, e falleceu dentro em vinte quatro horas, o que se attribue a inoculação venenosa pelo tabaco.

—O governo approvou os estatutos da companhia Conimbricense de illuminação a gaz.

—No Algarve os generos tem encarecido mais do que se esperava. Não apparece trigo á venda.

—O nome de Malakoff foi dado a esta cidade por um barqueiro que ha vinte e cinco annos tinha a reputação de activo e intelligente, e se empregava no almirantado. Chamava-se Malakoff, e construindo no Karabelnaia uma miseravel tenda para vender aguardente, legou o seu nome á collina perto da qual se estabeleceu.

—O sr. duque de Saldanha, apenas regressou a esta cidade, tomou novamente conta do commando em chefe.

—A esquadra russa vae ser mandada para Asterabad.

—Nas tres viagens que no domingo passado se fizeram no caminho de ferro de leste transportaram-se perto de mil e seiscentas pessoas.

—O corpo inglez expedicionario das Indias chegou ao Golfo Persico.

—Falla-se no reconhecimento da rainha de Hespanha pelos filhos de D. Carlos.

—*Congresso Litterario* é o titulo de um periodico que se publica em Santarem.

—Um individuo mandou destelhar uma casa no Porto. Isto deu logar a um barulho, em que tomaram parte setenta pessoas.

—No dia 15 do corrente devia lançar-se ás aguas do Douro a galera *Cidade de Belem*, construida nos estaleiros de Villa Nova pelo sr. Custodio da Silva Santos.

—O sr. D. Joaquim Moreira dos Reis, bispo de Angola e Congo, renunciou o bispado por falta de saude.

—Em Baltimore e Maryland houve graves desordens na occasião das eleições.

—Chegou a Londres uma carregação de oiro da Australia no valor de 360:000\$000 réis.

—A cholera está fazendo horriveis estragos em Costa Rica, e as tropas d'esta republica recusaram marchar contra Nicaragua.

—O inverno já se apresenta horroroso na Suecia e Noruega. Grandes massas de neve tem impedido aos habitantes recolherem os productos agricolas, e por isto já se reputam perdidos.

—De Vienna enviou-se uma expedição militar á Persia, que deve apresentar ao shah um presente de grande preço, e proceder á compra de cavallos.

—O marechal Randon acha-se já de volta em Argel. Na ordem do exercito que dirigiu apenas chegou prometeu á tropa acabar a conquista da Kabília na proxima primavera.

—Em consequencia de ter subido extraordinariamente o preço dos alugueis de casas em Paris, organizou-se uma nova sociedade de beneficencia, achando-se á sua frente a imperatriz Eugenia.

—Monsenhor Chigi, representante da Santa Sé, foi recebido pela côrte da Russia com grande distincção.

—Sairam de Wurtemberg para Roma tres sacerdotes catholicos commissionados para uma concordata entre a Séde catholica, e aquelle governo.

—A aula do commercio em Praga inaugurou-se com muita solemnidade, contando desde logo cento e oitenta alumnos de diferentes estados do imperio.

—A assembléa annual de naturalistas allemães, celebrada em Vienna, estiveram presentes oitocentos e oitenta e dois membros effectivos.

—Em Posen foi sentenciado pelo jury um negociante judeu muito rico, a dois annos de prisão, por ter induzido uma testemunha a jurar falso. Por uma questão de oito mil réis, que tanto era a causa, convocou o judeu aquella testemunha.

—Os governos dos grã-ducados de Modena e Parma perdoaram, ou no todo, ou em parte, o imposto sobre o vinho, porque se perdeu a colheita.

—Sairá com muita brevidade o primeiro quaderno da Chronica da Rainha a Senhora D. Maria II.

AVISO.

Roga-se aos senhores subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.